

Título: Toda nudez será castigada? Marcha das Vadias e o surgimento do Femen Br

Autores: Fhoutine Marie Reis Souto (PUCSP/FIAMFAAM) e Lucas Della Iglezia (FIAMFAAM)

Resumo: O presente artigo visa examinar a cobertura realizada por grandes portais de notícias brasileiros sobre a Marcha das Vadias 2012, realizada em São Paulo no fim de maio de 2012 e o surgimento do Femen Br. A Marcha surgiu no Canadá visando chamar a atenção para temas como violência contra a mulher e o preconceito que atinge vítimas de violência sexual, frequentemente tratadas por policiais como culpadas pelas agressões que sofrem, seja pelo seu vestuário ou por um comportamento considerado promíscuo. Desde 2011 a Marcha das Vadias é realizada em diversos países e capitais brasileiras, organizada por coletivos feministas. Este foi o contexto escolhido pelo Femen - grupo de origem ucraniana autodeclarado “neofeminista” - para lançar sua “filial” no País, que na ocasião contava apenas com uma representante, a paulista Sara Winter. Assim como a Marcha das Vadias se espalhou pelo mundo graças à mobilização via Internet, o Femen se tornou internacionalmente conhecido devido à presença quase diária de suas ativistas – em geral mulheres jovens, magras e dentro dos padrões de beleza atuais – nas páginas dos portais de notícias, que atraem patrocinadores devido ao número de acessos das suas matérias. A mobilização das atenções por parte do Femen pode indicar que, para alguns movimentos sociais, a visibilidade midiática pode produzir efeitos indesejados. No caso do movimento feminista, um foco maior nos corpos das manifestantes do que nas bandeiras defendidas. No caso do Femen Br, o apedrejamento público de sua principal militante no país.

Palavras-chave: Feminismo, Marcha das Vadias, Femen Brasil, cobertura jornalística, Internet.

Introdução

Em uma sociedade na qual cresce o espaço das mulheres no mercado de trabalho¹ e as trabalhadoras possuem em média mais anos de escolaridade que os

¹ <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/03/08/cresce-participacao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho>

empregados do sexo masculino², num mundo onde duas das maiores economias mundiais, Brasil e Alemanha, são dirigidas por mulheres, o feminismo ainda é necessário? Sim. E ousaríamos dizer: mais do que nunca. Se há uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho e há um aumento de escolaridade, estas conquistas não vieram acompanhadas de uma divisão de trabalho doméstico, tampouco da igualdade salarial entre gêneros, uma velha bandeira feminista.

Segundo dados do IBGE, as brasileiras gastaram, em média, 22,3 horas semanais com essas atividades, contra 10,2 horas médias dedicadas pelos homens - diferença que representa mais que o dobro de tempo. Quando também considerada a população que não está inserida no mercado de trabalho, esse tempo salta para 27,7 horas semanais entre as mulheres e 11,2 entre os homens. Em 2012 os dados informados pelas empresas demonstram que o salário médio real de admissão das mulheres alcançou R\$ 917,87, contra 1.067,66 dos homens. Em 2011 esses valores eram R\$ 874,63 e R\$ 1.019,34.

No tocante à representação política, apesar de cargo máximo da República ser ocupado por uma mulher, a participação feminina brasileira nas esferas do poder ainda é baixa. Embora representem 51,7% dos eleitores brasileiros, a participação das mulheres na Câmara dos Deputados é de 9%, número semelhante aos 10% registrados no Senado. São Paulo, a maior cidade do País, possui os mesmos 9% de vereadoras na Câmara Municipal. No Poder Executivo, a situação não é diferente: das 26 capitais, somente duas têm mulheres como prefeitas³.

Esses dados a respeito da participação no mercado de trabalho e na esfera pública já nos indicam que a igualdade de gênero pleiteada pelas sufragistas do século XIX ainda está por se completar e há medidas, pela via institucional que tentam corrigir estes hiatos de gênero. Contudo, quando saímos da vida pública – mercado de trabalho, a universidade, política partidária – nos parece que a mudança social desejada pelo feminismo não pode ser solucionada por meio de dispositivos legais. Não há como regular a respeito da divisão doméstica do trabalho, um assunto de foro íntimo das famílias e que, culturalmente, acaba recaindo sobre as mulheres. De modo semelhante, mecanismos legais de punição não são suficientes para conter agressões às quais

² <http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2012/11/mulheres-tem-mais-tempo-de-estudo-que-homens-no-mercado-de-trabalho.html>

³ <http://www.brasil.gov.br/secoes/mulher/atuacao-feminina/mulheres-na-politica>

mulheres no mundo todo são submetidas diariamente: do assédio diário sofrido nas ruas na forma de cantadas, abusos sexuais em transportes coletivos e o tratamento recebido por vítimas de violência sexual nas delegacias e diante de conhecidos. Este é justamente um dos problemas para o feminismo do século XXI: retomar questões relativas aos costumes surgidas na segunda onda do movimento⁴, ocorrida na década de 1960. Um ponto importante para feminismo atual é que a opressão de gênero não se reproduz apenas no mercado de trabalho, mas nas relações interpessoais, no âmbito da sexualidade e na construção da imagem corporal feminina. Dentro desse contexto a estratégia de exposição corporal empregado em movimentos como a Marcha das Vadias e o Femen é uma forma de empoderamento da mulher, de reapropriação do próprio corpo como um instrumento político e que pertence a ela mesma e não espaço da exploração mercantilista/machista (KUBIK, 2012). Conforme explicam as militantes do Femen Brasil em seu website:

O Femen entendeu que na sociedade patriarcal ninguém está pronto para ouvir as mulheres, mas todos querem ver o seus corpos, principalmente se estiverem nus. Nós nos apropriamos de nossa nudez e a usamos como arma para protestar, quando tiramos nossa roupa, vestimos nossa mensagem: ninguém tem o direito de nos explorar. Acima de tudo, nós usamos nossa nudez e sexualidade como provocação para todos aqueles que desejam explorar as mulheres.

Este artigo se propõe a analisar a cobertura realizada pelos portais de notícias brasileiros sobre esses dois movimentos. Além da afinidade com o tema, o que nos atraiu nesta investigação é o desejo de observar de que modo o movimento feminista aparece nos três maiores portais de notícias do País: G1, UOL e Terra. Nosso objetivo era ter uma ideia de qual o olhar da mídia de Internet – território onde esses movimentos se organizam e são divulgados - sobre as manifestações a partir da nudez empregada em

⁴ O movimento feminista costuma ser descrito em três grandes “ondas”. A primeira se refere a um extenso período entre os séculos XIX e XX nos Estados Unidos e na Inglaterra, que tinha o foco na promoção da igualdade nos direitos contratuais e de propriedade para homens e mulheres, e na oposição de casamentos arranjados e da propriedade de mulheres casadas (e seus filhos) por seus maridos. No fim do século XIX, o ativismo passou a se focar principalmente na conquista de poder político, especialmente o direito ao sufrágio. A segunda onda do feminismo se refere a um período que teria começado no início da década de 1960. As feministas de segunda onda viam as desigualdades culturais e políticas das mulheres como ligadas inexoravelmente, passando a englobar questões de raça e classe. A terceira onda do feminismo, iniciada na década de 1990, como uma resposta às supostas falhas da segunda onda. Marcada por uma série de diferenças internas, essa onda deu origem ao florescimento de novas ideias e estratégias políticas. Hoje o foco dos estudos e da atuação feminista se deslocou para as relações e diferenças entre gêneros (Narvaz & Koeller, 2006).

atos públicos. O trabalho de pesquisa consistiu na coleta de matérias sobre a Marcha das Vadias em 2012 nos referidos portais. Os critérios utilizados para a análise das notícias foram o foco do conteúdo imagético, analisando o enquadramento e foco dado por cada portal e notícia à cobertura dos eventos e o tratamento dado por cada portal para a manifestação e seus participantes. Também fizemos buscas nos referidos portais com as palavras “Femen Sara Winter” para mapear a cobertura do surgimento da organização no País. Por estarmos trabalhando com dois fenômenos que se organizaram e ganharam repercussão nas redes sociais e nossa análise incidirá em veículos online, optamos também por trabalhar com uma bibliografia disponível na rede (citada com seus hiperlinks no corpo do texto) como blogs e páginas de redes sociais, por considerarmos que hoje a Internet, nos parece uma importante ferramenta para o movimento feminista, não só como forma de agrupar a militância, mas como meio de discussão e (auto)crítica do próprio feminismo.

1- Meu corpo, minhas regras

A Marcha das Vadias (SlutWalk, em inglês) começou como um protesto em 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá. A partir de notícias sobre diversos casos de abuso sexual contra mulheres ocorridos na Universidade de Toronto, o policial local Michael Sanguinetti fez uma observação para que “as mulheres evitassem se vestir como vadias, para não serem vítimas”. Tal declaração levou cerca de três mil pessoas às ruas da cidade.

O movimento ganhou grande visibilidade, auxiliada pelas redes sociais como Twitter e Facebook, e passou por diversas cidades das Américas e da Europa. No Brasil, já passou por grande parte das capitais, além de outras cidades litorâneas e do interior. A primeira manifestação da Marcha das Vadias no país foi na cidade de São Paulo, no dia 4 de junho de 2011, dois meses depois da primeira manifestação canadense. Foi organizada pela publicitária Madô Lopez, que organizou o evento pela internet. Apesar da grande aceitação das pessoas pelo Facebook – com cerca de 6 mil pessoas com presença confirmada -, somente cerca de 300 pessoas compareceram na manifestação em espaço público .

A manifestação teve edições em outras cidades brasileiras, com um número menor de participantes. Além de um movimento pela igualdade de gênero, a marcha no

Brasil também chama atenção para o número de estupros ocorridos no País. O evento é caracterizado por mulheres utilizando tanto roupas convencionais quanto somente de lingerie, com o seios à mostra ou não, maquiadas de forma pesada (caracterizando o clichê sobre prostitutas), carregando faixas e cartazes pregando maiores direitos e igualdade para a mulher e contra a violência física, sexual e verbal. A marcha não se limita somente à participação de mulheres, sendo presentes também homens e crianças. É considerado um movimento social horizontal, sem líderes, organizado de forma espontânea por mulheres do mundo inteiro principalmente via Internet e redes sociais.

Em 2012, na sua segunda edição no País, o movimento cresceu e contou com a participação de milhares de pessoas em diversas capitais brasileiras. A Marcha das Vadias de Brasília, no dia 26 de maio, contou com um número aproximado de 3 mil pessoas. Fotos da manifestação no site de relacionamentos Facebook chegaram a ser censuradas ao mostrar mulheres com os seios à mostra durante os protestos⁵.

Em atividade desde 2008, o Femen é um movimento autodeclarado “neofeminista”. Nascido na Ucrânia em 2008, hoje o Femen possui filiais em diversos países, entre eles, o Brasil. A opção pelo termo “neofeminismo”, segundo o site brasileiro do grupo, se deve a um estado de agonia pelo qual a prática feminista estaria mergulhada. Para o Femen, o “feminismo clássico” estaria concentrado em uma elite intelectual, inacessível e pouco atraente para a maior parte da população. O prefixo neo, neste caso seria uma forma de se diferenciar de um feminismo supostamente acadêmico e elitista em favor de algo mais pragmático e popular. Além desta separação entre teoria e prática, uma das características do neofeminismo praticado pelo Femen seria a opção por ações voltadas deliberadamente para atrair os meios de comunicação, sem “filtrar” o veículo.

Quanto mais exposição tivermos, mais pessoas receberão a mensagem. Isso vale para qualquer tipo de revista, sites, emissores de televisão e rádio. Para muitas pessoas é o primeiro contato com o debate feminista.

Para atrair a atenção da mídia, o Femen lança da estratégia que denominou de “sextremismo”, o uso do seio nu como “arma de guerra”. Segundo o Femen Brazil, se a

⁵ Matéria sobre a censura das fotos da Marcha das Vadias nas páginas da rede social: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/22156/censura+a+fotos+da+marcha+das+vadias+reacend+e+debate+sobre+politica+do+facebook.shtml>

sociedade não está pronta para ouvir as mulheres, então é necessário utilizar métodos radicais para obter atenção. “Não se trata somente de topless, se trata de nossos gritos, de nossas posições, do tema do nosso protesto”. Os alvos desses protestos são bastante variados. Além de haver declarado “guerra contra o patriarcado”, a entidade também declara ter como inimigos a exploração de mulheres e crianças, violência doméstica, opressão religiosa, turismo sexual, homofobia, ditaduras, tráfico de seres humanos. Há no site diversas galerias de protesto do Femen ao redor do mundo que incluem atos de repúdio a corrupção, grupos neonazistas, defesa dos índios Guarani-Kaiowá, ato antipirataria e um ato em protesto contra a prisão das componentes da banda russa Pussy Riot.

Desde o início de suas atividades no País, o Femen Brazil tem sido alvo de polêmicas dentro do movimento feminista. As críticas já começam com o nome da representação nacional, no qual Brasil aparece grafado com Z, o que remete a uma opção do grupo por uma visibilidade internacional – e portanto, midiática. Outros pontos questionados são a opção pela escolha de ativistas jovens, magras e dentro de certo padrão de beleza ocidental (a maioria das integrantes é jovem, magra e branca; as ativistas precisam passar por um processo de seleção antes de serem aceitas⁶), a falta de diálogo com outros movimentos feministas, acusações de xenofobia (o grupo é acusado de ser islamóforo⁷) e pela eficácia questionável da utilização da nudez para fins de protesto⁸. Além disso, o passado da líder do Femen Brazil, Sarah Winter desperta

⁶ Além do processo seletivo para as militantes do Femen, a ex-integrante Bruna Themis afirma ter deixado o grupo por diversos motivos, como a falta de diálogo com outros coletivos feministas, ausência de prestação de conta e a preferência por mulheres bonitas.
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/24385/femen+brazil+nao+tem+propostas+feministas+acusa+ex-numero+2+do+grupo.shtml>

⁷ No fim de março, a tunisiana Amina Tyler, de 19 anos, postou no Facebook fotos em que aparecia com os seios de fora e com as inscrições "F... sua moral" e "Meu corpo pertence a mim e não é fonte de honra para ninguém". Era um protesto contra a precária situação da mulher no mundo árabe e as inúmeras violações às quais são submetidas. As manifestações de apoio à Amina, condenada à morte por um líder religioso radical de seu país, incluíram protestos diante de mesquitas, queima de bandeiras com símbolos islâmicos e ativistas usando barbas falsas e turbantes numa referência ao profeta Maomé.
<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-topless-imperialista-do-femen-nao-vai-salvar-a-mulher-arabe/>

⁸ Cito alguns exemplos de cobertura que nos parecem desfavoráveis, as notícias veiculadas por publicações destinadas ao público masculino. Revista Alfa: “depois de décadas de Martas Suplicys e Luizas Erundinas, agora temos um ótimo motivo para acompanhar política no país: Sara Winter, a primeira brasileira a integrar o grupo ativista Femen. Criado na Ucrânia, o Femen é famoso por seus protestos nos quais belíssimas garotas (tais como Sara Winter, uma paulista petit de 19 anos) ficam de topless pra chamar a atenção da mídia. Costuma funcionar, é claro”
<http://clubalfa.abril.com.br/mulheres/politica/sara-winter-a-primeira-brasileira-do-femen-e-um-bom-motivo-para-gostar-de-politica/>

desconfianças entre os demais movimentos feministas. – que já afirmou ter admiração pelo integralista Plínio Salgado e possui uma cruz de ferro tatuada em seu ombro, símbolo usado como condecoração entre os nazistas. Por conta dessas polêmicas, diversos coletivos feministas do país já declararam publicamente não concordam com as ações e não apoiam o grupo⁹.

Apesar das diferenças entre os movimentos, o grande lançamento do Femen no país aconteceu justamente por ocasião da Marcha das Vadias de São Paulo, onde, devido sua intensa divulgação nas redes sociais e meios de comunicação nacionais, se poderia antecipar a presença de fotógrafos e jornalistas das principais redações nacionais. Sara Winter surgiu para os meios de comunicação nacionais no dia 26 de maio de 2012 após sua participação na passeata, andando alguns metros a frente da faixa que anunciava o evento. Antes disso a ativista havia feito um pequeno protesto na Virada Cultural, em São Paulo, após uma apresentação da cantora Gretchen. Na ocasião, Winter segurou um cartaz com a frase “A cada cinco minutos uma mulher é agredida no Brasil”, mas como o show já havia terminado, sua estreia como militante do Femen acabou não sendo registrada pela mídia nacional. Em comum, os fenômenos aqui abordados possuem a autoidentificação como movimentos feministas e o uso político do corpo.

2- Os movimentos nos portais

Embora a Marcha das Vadias seja um movimento nacional, optamos nesse trabalho por lidar com a cobertura da manifestação de São Paulo, realizada no dia 26 de maio de 2012. Além de ser cidade onde residimos e pudemos acompanhar o movimento, a escolha se deu pelo fato de ter sido em São Paulo a primeira aparição para mídia nacional de Sara Winter e do Femen Br, o que permite tentar cruzar as coberturas

Revista Playboy: “Elas são polêmicas, libertárias e, na maioria das vezes, muito gostosas. As ativistas do Femen falam à PLAYBOY e contam tudo sobre o movimento feminista mais sexy desde... Bem, desde que inventaram o feminismo” <http://playboy.abril.com.br/gatas/politica/a-revolucao-de-topless/>

⁹ A Marcha da Vadia de Curitiba, o site Blogueiras Feministas, a página Machismo Nosso de Cada Dia, o blog Escreva Lola Escreva são alguns exemplos de ativistas e coletivos que se posicionaram com ressalvas em relação ao Femen Br. Há também páginas no Facebook de feministas que não se identificam com a organização. Em abril deste ano, após as manifestações consideradas racistas de militantes do Femen ao redor do mundo diante de mesquitas, um protesto chegou a ser organizado pela Internet com o título “O Femen não me representa”.

dos dois movimentos. Os sites pesquisados foram os três maiores portais de notícias do País: G1, UOL e Terra. Procuramos analisar no conteúdo pesquisado o tipo de imagem selecionada, título, subtítulo e legendas, além das informações apresentadas sobre o movimento. A análise abaixo segue dividida por site.

Marcha das Vadias

G1

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/05/marcha-das-vadias-reune-centenas-com-pouca-roupa-na-avenida-paulista.html>

“Marcha das Vadias reúne centenas com pouca roupa na Avenida Paulista”, autor Fábio Tito.

A primeira coisa que vemos da matéria já é uma referência ao fato de a manifestação – e site, na forma de galerias de fotos - tem a participação de mulheres com pouca roupa. Entretanto, o texto não comenta que a exposição dos corpos pintados, com os seios expostos ou de sutiã, não é um uniforme entre as participantes. Tampouco menciona que o movimento tem a participação de homens que apoiam a causa feminista e crianças. A referência a ser um protesto antimachista vem apenas no subtítulo. O texto é acompanhado por fotos de cartazes, preparação antes da marcha e mulheres com corpos pintados. Apenas uma organizadora foi entrevistada. Entre os motivos da Marchas daquele ano, ela cita pedir mais debate sobre a Medida Provisória nº 557, que tramita no Congresso. Ela institui o Sistema Nacional de Cadastro, Vigilância e Acompanhamento da Gestante e Puérpera (mulher que deu à luz recentemente) para Prevenção da Mortalidade Materna, o que poderia ser uma forma de monitorar abortos ilegais. O texto informa o horário da manifestação, número de presentes (dados da Polícia Militar) e o trajeto escolhido. Há link para uma galeria com 23 fotografias da Marcha das Vadias em várias cidades do País. Nesta, sim, vemos a participação de homens no protesto e a referência à leitura de um manifesto durante a edição de São Paulo.

UOL

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/05/26/participantes-da-marcha-das-vadias-protestam-em-sao-paulo-contraculpabilizacao-das-vitimas-de-violencia-sexual.htm>

“Participantes da Marcha das Vadias protestam em São Paulo contra culpabilização de vítimas de violência sexual”, autora Flávia Albuquerque.

O texto coloca uma ênfase nas motivações do protesto já no título e os detalha logo nas primeiras linhas do texto: “o objetivo da manifestação é denunciar os diversos tipos de violência sofridos pelas mulheres. A marcha luta também contra a culpabilização das vítimas pela violência sofrida”. O uso do corpo despido ou pintado é descrito como algo “irreverente”. Informa o número de participantes e que naquele dia outras marchas estavam acontecendo em mais 19 cidades no Brasil e no mundo, informa a origem do movimento no Canadá e entrevistou cinco participantes, três mulheres e dois homens. Há uma galeria com 72 fotos da marcha pelo País. Nelas aparecem crianças acompanhando os pais e tocando tambores, cartazes, homens com os corpos pintados, pessoas de idades e tipo físico variados e registros de situações de conflito com Polícia Militar.

Terra

<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/marcha-das-vadias-mobiliza-cidades-do-brasil-e-do-mundo,2d9cdc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

“Marcha das Vadias mobiliza cidades do Brasil e do mundo”, autor Agência Brasil.

O portal optou por uma reportagem na qual fazia um balanço da Marcha das Vadias em todo o Brasil. O texto abre afirmando que o movimento em 2012 havia ganhado caráter nacional, dando destaque para as cidades brasileiras que naquele dia estavam realizando a marcha, cerca de 20 ao todo no Brasil e no exterior. Logo em seguida, no segundo parágrafo, o texto informa o motivo do protesto: “chamar a atenção da sociedade de que a culpa da violência e do abuso sexual não é da vítima”, e sim dos agressor. As marchas de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo foram descritas separadamente, em um parágrafo pra cada. Em Brasília destaca-se o número de participantes, cerca de 3 mil pessoas. Em São Paulo, fala-se da irreverência das

participantes, “que desfilaram usando roupas íntimas ou até mesmo da cintura pra cima, com o corpo coberto por pinturas ou palavras de ordem”. No Rio de Janeiro, o foco são os gritos de guerra entoados pelas participantes. Apenas uma pessoa foi entrevistada, uma das organizadoras do ato no Rio de Janeiro. O texto é acompanhado por uma galeria de 31 imagens com pessoas de ambos os sexos segurando cartazes, tocando tambores, crianças e travestis. Nas legendas há referências aos “cantos feministas” entoados pelas manifestantes de Belém do Pará. Informam também que uma das demandas do movimento é a descriminalização do aborto, assim como a diversidade sexual.

Femen e Sara Winter

Desde que surgiu tem sido presença frequente em diversos meios de comunicação do País. Sara Winter concedeu entrevistas para diversos programas de tevê como De Frente Com Gabi, Agora é Tarde, Programa do Jô, Superpop e concedeu entrevistas para revistas como Marie Claire, Playboy e Alfa. Nos portais de notícias desde que estreou na militância como representante do Femen, Sara Winter apareceu com frequência em diversos portais de notícias no ano passado. Seu “treinamento” na Ucrânia com as ativistas criadoras do movimento, os protestos que realizou com o Femen Br (contra uma propaganda veiculada pelas lojas Marisa, protesto pela prisão das integrantes da banda Pussy Riot, contra o turismo sexual, em favor dos direitos dos índios Guarani-Kaiowá) e as questionamentos quanto ao seu passado político. Além de já ter revelado admiração por alguns líderes de direita e possuir uma cruz de ferro tatuada no ombro, descobriu-se que Sara Winter há um ano, por ocasião da primeira Marcha das Vadias realizada no País, havia publicado um texto em seu blog pessoal no qual condenava o uso da nudez em protestos. Outra polêmica que envolveu a ativista foi a entrevista de uma ex-integrante do Femen Br, Bruna Themis, com uma série de “denúncias” sobre o grupo e sua representante: falta de diálogo com outros coletivos, falta de clareza quanto aos objetivos e projetos do Femen, preferência por mulheres dentro de um padrão de beleza magro, falta de prestação de contas, entre outros. Contudo, apesar das críticas, há quase um ano o grupo e sua líder têm se mantido na mídia nacional, frequentemente identificados como feministas.

Conclusão

Debater o feminismo continua necessário, visto que há um longo caminho a ser percorrido na busca por uma sociedade de relações igualitárias entre gêneros. O feminismo do século XXI, percebendo o potencial dos meios de comunicação de massa busca esse dispositivo para dar voz às suas demandas. Se o número de pessoas que participam da manifestação nas ruas e ao mesmo tempo é limitado o número de espectadores atingidos pelas mensagens nos cartazes e nos gritos de guerra, as possibilidades de circulação são potencialmente infinitas. Por isso, nos interessa observar de que modo a mensagem estampada nos corpos das manifestantes dos movimentos abordados nesse artigo era retransmitida para o público geral, o público de portais de notícias, pessoas que não necessariamente interessadas ou a par da atuação ou das demandas do movimento feminista.

Em primeiro lugar nos chama a atenção o fato das matérias sobre a marcha das vadias estarem concentradas nas editorias de cotidiano e não de um movimento político. Detalhes como número de presentes, foco em reivindicações que perpassam na via institucional nos sugeres que o jornalismo dos portais brasileiros considera como tema da agenda política apenas o que está dentro do jogo partidário, enquanto os movimentos sociais acabam ocupando espaço em outras editorias. A opção por incluir nas editorias de Política informações relativas à via institucional não é uma novidade nas nossas observações sobre o jornalismo brasileiro, mas surpreende que o feminismo, como movimento social não seja tratado como um movimento político – como na matéria publicada no G1, cujo título destacava o uso de “pouca roupa” das manifestantes.

Essa observação nos permite duas conclusões. A primeira delas é que o feminismo, como movimento que possui demandas políticas institucionais tende a ter mais apelo perante os meios de comunicação quando se refere a mudanças de leis em favor dos direitos das mulheres, sobretudo quando na legislação relativa aos direitos reprodutivos. Talvez Sara Winter esteja certa quanto a um distanciamento do feminismo brasileiro que ficaria restrito ao debate acadêmico. Não porque o movimento seja elitista, conforme avalia a líder do Femen Br, mas porque as atividades e demandas feministas estejam restritas ao debate interno de coletivos, nas páginas das redes sociais e nos blogs especializados. Este é um debate que não está nos grandes meios de comunicação, surgindo apenas ocasionalmente como em eventos como os aqui

trabalhados. Talvez a isso se deva uma certa hesitação por parte dos portais em chamar a Marcha das Vadias de uma manifestação feminista. Observamos, porém, que a partir do momento que grupos autodeclarados feministas, como é o caso do Femen – mesmo com toda a confusão acerca de sua definição como neofeministas – essa palavra tende a aparecer com mais força nos noticiários.

A segunda constatação é que o uso da exposição corporal, que para os dois movimentos funciona como um estratégia para atrair o olhar dos meios de comunicação, sem que, entretanto, a cobertura dê atenção apenas aos corpos das ativistas. Embora o uso do topless como ferramenta política sempre esteja mencionada, os sites em geral procuram contextualizar a opção pela nudez, seja explicando no texto ou nas aspas proferidas por alguma participante dos movimentos. Apesar das poucas entrevistas na cobertura desses sites, são as ativistas que falam, sem que haja interpretação de suas palavras por parte dos autores do texto, assim como também nos parece positivo notar que há muito pouco julgamento negativo sobre a exposição corporal ou sobre os protestos.

Por fim, uma avaliação geral que fazemos sobre os textos tanto sobre a Marcha das Vadias quanto nos sobre o Femen é que, talvez pela presença rara de pautas feministas no cotidiano das redações, as matérias sejam pobres em dados sobre as demandas apresentadas pelas ativistas. Não há nas matérias analisadas dados sobre violência contra a mulher e nem o posicionamento de alguma autoridade policial para comentar se a postura dos policiais aqui é diferente do comportamento do policial canadense que motivou a primeira Marcha das Vadias, no Canadá. Também não encontramos entrevistas que revelassem a reação das pessoas nas ruas por onde ocorreram os protestos do Femen e a Marcha das Vadias, o que nos dificulta, como leitores, pensar a receptividade desses movimentos junto à população, como se o alvo dessas manifestações fosse somente a mídia. Com isso, talvez a mídia, que deveria ser um meio para a transformação social pretendida por ambos os movimentos acabe por se tornar um fim.